

NARRATIVAS COMO DISPOSITIVO PARA ACIONAR A MEMÓRIA NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES NAS ARTES VISUAIS

NARRATIVES AS A DEVICE FOR MEMORY ACTION IN TEACHER TRAINING

Edson Rodrigues Macalini / UNIVASF-PE

RESUMO

O presente artigo parte de experiências, que, assim como Walter Benjamin, no ensaio *Experiência e Pobreza*, questiona: qual o valor de todo o nosso patrimônio cultural, se a experiência não mais o vincula a nós? e dessas, as trocas entre diálogos e narrativas foram se estruturando. A formação de professores em Artes Visuais na Amazônia permitiram aprender e ensinar aquilo que deveria ser o mais comum entre os humanos: a troca de saberes. Nesse sentido, esse texto discorre sobre experiências vividas e ouvidas no estado do Amazonas, cujo propósito está em potencializar as narrativas dos estudantes e moradores locais como estratégias para ações pedagógicas e poéticas no ensino das Artes Visuais. Corolário á isso, a memória acionada promoverá encontros entre passado e presente ressignificando os lugares histórico-sociais a que se vincula o individuo.

PALAVRAS-CHAVE

Narrativas, Memórias, Poéticas, Ensino das Artes Visuais, Formação de Professores.

ABSTRACT

This article is based on experiences, which, like Walter Benjamin, in the essay *Experiencia y Pobreza*, questions: what is the value of all our cultural heritage, if experience no longer links it to us? And of these, the exchanges between dialogues and narratives were structured. The training of teachers in Visual Arts in the Amazon allowed to learn and teach what should be the most common among humans: the exchange of knowledge. In this sense, this text is based on experiences lived and heard in the state of Amazonas, whose purpose is to strengthen the narratives of students and local residents as strategies for pedagogical and poetic actions in the teaching of visual arts. Corollary to this, the activated memory will promote encounters between past and present, resorting to the historical-social places to which the individual is linked.

KEYWORDS

Narratives, Memories, Poetics, Visual Arts Teaching, Teacher Training.

Sobre ser professor/artista imigrante

As primeiras memórias que aciono serão as minhas próprias. Pois, sendo o relator destas que narrarei se fazem necessárias para situarem no tempo e espaço onde as mesmas ocorreram. Me respaldarei em Walter Benjamin, para dialogar comigo nos escritos que seguirão, por dois motivos: pelo viés materialista histórico que assume e pelo fator poético e crítico que considera a memória na formação do indivíduo.

Assim como Benjamin, em *Infância Berlimense:1900*, percebi que no decorrer de um trajeto alguns questionamentos foram se somando a compreensão de experiências vividas que ainda permaneciam nebulosas. Ser professor e Artista Visual cujo fator, imigrante, me condicionaria há um lugar novo e desconhecido, sem saber de fato a importância destas para situações futuras. Romero Freitas (2013) em prefácio sobre Benjamin, argumenta que o filósofo transformou suas memórias de infância como objeto de análise histórico-social, principalmente sob duas óticas: a primeira sobre o quadro político da memória em que o *eu* são *muitos* e a segunda estaria na construção das lembranças a *posteriori*, pois, esse ato daria sentido ao passado.

Entre abril de 2015 e agosto de 2016, vivi em Parintins no estado do Amazonas, cidade/ilha que se situa na região do Baixo Amazonas, como é chamado pelos locais, rodeadas pelas águas do imenso rio e lagos que o próprio forma. Nessa região, atuei como professor formador no curso de Licenciatura em Artes Visuais, e lá passei esse tempo sem de fato compreender o que se passava. Uma coisa eu tinha certeza, ali era o local do meu trabalho e tinha responsabilidades a serem cumpridas, tanto para com meus alunos quanto para mim.

Ao assumir o concurso que tivera sido aprovado, assinada toda a documentação que exigiram, entreguei o que me pediram para o departamento administrativo, sai da sala de recursos humanos com um termo de posse que deveria apresentar ao diretor do campus da Universidade Federal do Amazonas - UFAM em Parintins. Em linha reta, a cidade estava há pouco mais que 360 km distante dali, no entanto, as águas constroem seus caminhos e esse rio é um imenso desbravador de territórios, ou seja, pelas suas vias mais comuns, os rios, nesse trajeto assumiria outras quilômetros e eu não conseguiria chegar lá por vias terrestres, somente aérea ou fluvial. Fui de barco, desci o rio Amazonas e em 18 horas, acomodado em rede que levemente

balançava como o ritmo das águas e com um sentimento incompreensível ao olhar a paisagem, cheguei na cidade de Parintins. As histórias ouvidas no trajeto foram tantas que não seriam possíveis transcrevê-las aqui. Me senti como num romance, abandonando a vida antiga e vivendo uma nova e desconhecida, e esse desconhecido era para além daquilo que um dia eu imaginava. Pela primeira vez me senti imigrante dentro do meu próprio país, e isso não condicionava compreender a dimensão em que poderia se transformar/encontrar nesse tempo em que lá vivi.

Sobre migrações nas Artes Visuais ou artistas imigrantes, senti que durante algum tempo esse sentimento se apossou de mim. Iniciei alguns estudos sobre esse tema e me deparei com situações como as do Artista Chinês Ai WeiWei, que em uma declaração disse sobre sua condição de imigrante na Cidade de Nova York dos anos 80, ao qual passou a ser foco de sua prática artística durante longa data, assumindo temas sobre fronteira, segurança e vizinho. Outro exemplo, os artistas Chicanos e Mexicanos que vivem na fronteira entre as Cidades de San Diego (EUA) e Tijuana (México) atuam nas relações ambíguas entre realidades sociais, culturais e políticas que são extremas e tão próximas, no livro *inSITE: práticas de arte pública na fronteira entre dois mundos*, o autor Prof. Dr. Luiz Sérgio de Oliveira discorre sobre esse projeto que atua principalmente sob os temas de fronteira e o estado migratório de cidadãos e artistas.

Francis Alys artista Belga radicado na Cidade do México atua nesse lugar de encontro, contribuindo com o coletivo de artistas Chicanos. Alys, em seu projeto Bridge/Puente propõe esse projeto cuja investigação centra-se no campo da imaterialidade da arte, da relação artista e não artista, e na crença dos encontros por meio da ponte, essa via que nos conduzem para o outro lado, onde não estamos. E esse trabalho me fez lembrar, se de fato queremos estar no outro lado, ou se buscamos apenas o direito na escolha de ir. Porque esse tempo vivido lá me fez pensar inúmeras vezes, assim como no conto de Guimarães Rosa *A terceira Margem do Rio*, que, esse lugar que eu ocupava era tão a deriva quanto suspenso, assim como as ilhas que percorriam o rio nos períodos das cheias, ou seja, o lugar estável dentro do movimento, ou o meio do rio que era o lugar inacessível. As ilhas passavam por mim, e, em muitas tardes eu as procurei nas margens do amazonas para me aproximar delas, mas estavam distante, pois, esse rio não é um simples rio. E cada um tem a sua leitura.

Uma pergunta sempre me acompanhava nesses percursos. Qual o meu direito de interferir nesse espaço e qual a minha abertura em aceitar as transformações deste em meu trabalho? No entanto, nunca hesitei em impedir nenhum acesso, apenas deixei as coisas acontecerem e se constituírem de modo fluido e natural, no entanto, mesmo compreendendo esse processo, a experiência não se estruturou tão simples assim. Acredito que ser professor formador e artista nesse lugar, nem tenha sido o maior desafio, mas compreender qual era meu espaço a ser ocupado, remontaram em mim, seja pelas lembranças que resgatei, um indivíduo estranho, a sensação do imigrante em terras desconhecidas, e assim, a sensação de contribuição *versus* provocação, foram se somando. Nesse sentido, o fazer pedagógico se coadunou com a poética do fazer artístico, dando origem ao imaginário, a ficção, e a possibilidade de criar a partir de causos e narrativas ouvidas, tanto na minha própria produção quanto no trabalho de meus alunos que viriam a se estruturar e depender das minhas orientações nas disciplinas que ministrava.

Sobre Rios e a Floresta

O conjunto de causos e histórias sobre essa terra que pisava e esse rio que navegava me propuseram sonhar e lembrar de infâncias, assim como, os livros da coleção Vagalume que lia na escola, os Gibis de monstros e seres fantásticos e ainda as animações maravilhosas e místicas da década de 80 e 90 que eram transmitidas na TV e que alimentavam curiosos devaneios. Coletei diversas informações e comecei a criar como no trecho que se segue:

As águas barrentas do Rio Amazonas, talvez por quantidade, peso ou bravura, formam e deformam territórios há incalculáveis séculos. Cidades inteiras já progrediram e imergiram pelas águas, povos habitaram terras que hoje não se sabe se é rio, floresta ou pântano. Como os povos Parintintins e Tupinambaranas que povoaram há muito tempo a região do baixo Amazonas, onde disputavam territórios, alimentos e as águas do majestoso rio. Os Rios da Amazônia são vias e estradas, chega-se a todos os lugares percorrendo esses caminhos que só os nativos ribeirinhos conhecem e guardam consigo segredos que raramente revelam. Tais percursos mudam a cada cheia e seca do rio. A Amazônia é esse lugar do incerto. É o lugar da experiência, da magia, da ficção, do místico, do ser natural e ancestral que ainda habita o homem. Viver na Amazônia é saber ver, compreender, viver e compartilhar a natureza. E como ensinar Arte em um lugar onde não tem Museus e nem Galerias? onde a Arte é uma figura impressa, um vídeo, uma ideiação, um livro, é distante, é ficção, é magia, assim como os mais distantes territórios, assim como a intenção de ser professor? (MACALINI, 2017)

Acredito que a floresta ofereça isso as pessoas, a necessidade de criar e fantasiar, assim como, colorir diante de tanta monocromia, onde os tons de verdes se transformam para o tom de marrom mudando somente de lugar a cor, criando uma única nuance, e assim, a necessidade de mitificar, acredito eu, se tornaria necessária. Benjamin (1983), argumenta que, só raramente nos damos conta do fato de o interesse de guardar na memória as histórias narradas serem dominantes no relacionamento ingênuo entre ouvinte e narrador. Aí comecei a perceber que ouvia, muito mais do que os outros. Talvez, pelo lugar que ocupava, professor universitário. Senti diversas vezes que os nativos pareciam terem a necessidade de me narrar algo, ou para mostrar que tinham conhecimentos sobre aquilo ou para enaltecerem suas terras e suas histórias, pois, era perceptível que eu era um estrangeiro. Por outro lado sempre me questionava, como pode as pessoas serem daqui e nunca terem saído desse lugar, mas sentirem tanto prazer em falar de suas histórias e da sua terra? Acredito que nunca amei com tanta verdade o lugar que nasci e cresci e nem sei falar tantas coisas assim. Comecei a observar essas pessoas e perceber que Amazônia era essa que eu estava vivendo, para além de filmes, livros ou narrativas.

E sobre memórias, quais eram essas, que tanto os nativos narravam? Qual seria o seu objetivo? Para Benjamin (1983),

A memória é, em primeiro lugar, a capacidade épica. Apenas graças à memória ampla, pode a épica apoderar-se, por um lado, dos acontecimentos, sendo, pelo outro, capaz de revelar compreensão quando esses acontecimentos se desvanecem pelo poder da morte.

Mas não só a morte, a vida é também cheia de mistérios e épica, e é uma aventura viver. Na Amazônia viver é uma potência. E na memória guardamos tantas coisas que as vezes nem damos conta de preservá-las.

Sobre docência e seus encontros

O espaço que as universidades ocupam nesses lugares distantes e remotos, trazem novas perspectivas de vidas, estudos e futuros profissionais. No entanto, esses novos caminhos não devem excluir ou suprimir aquilo que já existem. Sempre penso que trabalhar com Artes Visuais em comunidades distantes, não seja o movimento único de levar o científico e consagrado nas grandes cidades, mas poder promover encontros e conversas. Penso que a novidade esteja em ambos os lugares, como:

Cada manhã traz-nos informações a respeito das novidades do universo. Somos carentes, porém, de histórias curiosas. E por isso nenhum acontecimento nos é revelado sem que seja permeado de explicações. Em outras palavras: quase nada mais do que acontece é abrangido pela narrativa, é quase tudo pela informação. (BENJAMIN, 1983)

E não poderia eu, excluir ou eliminar esses lugares tão potentes e poéticos, acreditando que minhas informações acadêmicas fossem de fato as necessárias e verdadeiras, ou melhor, as únicas para a formação de professores em Artes Visuais. A necessidade está em compreender o meio, atuar nele e agir com ele. Pois, trabalhar Artes Visuais na formação de futuros profissionais, está em possibilitar a compreensão de que este virá a assumir no ambiente em que atuará.

As narrativas no Amazonas são tão ricas quanto a própria água que ali brota da terra ou que cai do céu como um balde d'água em nossas cabeças. Assim, se torna fundamental observar e experimentar. Tanto meu trabalho artístico como o de docente, foram contaminados por esse tempo diferente comparado aos lugares que já tinha vivido. Causos e mais causos foram se somando, assim como, as revoadas de pássaros e borboletas amarelas que inundavam a cidade, galinhas faceiras que amanheciam em meu quintal e rapidamente desapareciam, a chuva que caía quente e pesada e num piscar de olhos cessavam. O sol que voltava escaldante e as ruas de asfaltos que pareciam pegar fogo de tanta fumaça que subia. Os peixes, os carapanãs, o boto, a coruja branca noturna e silenciosa, os murais com representações de vitórias régias, jacarés, iguanas azuis, cobras gigantes, garças e indígenas que enfeitavam a frente das casas. Eram tanta coisa acontecendo ali, que não carecia trazer nada de fora e se trouxer, estes deveriam conversar, era preciso olhar para dentro e perceber suas potencialidades pedagógicas e poéticas.

Esse caminho de perceber e se perceber no lugar, como professor e artista nem sempre é tarefa fácil e tão pouco fluida. Mas é necessária. Nesse sentido, tratando da poética no processo pedagógico nas disciplinas de Desenho e de Gravura, fui cavando em lugares onde os próprios alunos pudessem se compreenderem enquanto professores e artistas dessa cidade, ao potencializarem aquilo que tem no lugar para se pensar e produzir arte na contemporaneidade. Algo que me incomoda no ensino das Artes Visuais, é a reprodução de conhecimentos e de processos artísticos com características de cópias que empobrecem a experiência na prática, algo tão caro a Benjamin no ensaio *Experiência e Pobreza* que já fora citado.

Se na arte criamos, cabe ao professor não somente apresentar o novo mas provocar novos olhares a partir daquilo que está instituído. Penso que em lugares como Parintins o tempo é o grande aliado, porque arte necessita deste para acontecer, precisa de maturação para o sensível acontecer. Para Benjamin,

O ócio é o pássaro onírico a chocar o ovo da experiência. Basta um sussurro na floresta de folhagens para espantá-lo. Seus ninhos — as atividades, ligadas intimamente ao ócio — já foram abandonados nas cidades, e no campo estão decadentes. Assim, a capacidade de ouvir atentamente se vai perdendo e perde-se também a comunidade dos que escutam. (1983)

Mas como potencializar o tempo e poetizar o cotidiano e a vida de modo a pensar e fazer arte? Se arte é expressão e sentimento, essa ação perpassa pelo simples ato de deixar a arte acontecer e perceber, que, de um pequeno graveto pode-se brotar florestas. Talvez as narrativas dêem sentido a esse percurso, e é na memória individual e coletiva que ela expande em vida e Arte.

Os pés de Perpétua

Ao tratar da poética na produção das Artes Visuais com meus alunos, percorri diversos lugares para ilustrar as possibilidades nesse processo, bem como, o que deveríamos acionar para deixarem elas aparecerem. Uma delas foi relacionar a proposta do trabalho do artista como um programa a ser sugerido por ele mesmo, ou a relação que o poeta tem nas construções de seus poemas e o modo como estrutura suas escritas, como observa, narra e apresenta situações que possam parecer banais, mas que nos versos se transformam em poesia. Eis, que Perpétua, aluna da Disciplina de Desenho e Gravura, me indaga acerca das suas reflexões e dificuldades em produzir uma Arte

que seria sua, ou ainda, que tivesse potência para competir entre resultados técnicos e poéticos com seus colegas mais jovens.

Na disciplina de Desenho questões que perpassam técnicas e a realidade visual sempre vem a tona. E na cidade de Parintins, essas questões brotam facilmente, pois, o mercado cultural que se estruturou por meio da venda da imagem amazônica em festejos populares e na artesanaria local para turistas é intenso e diário. Não cabe ao professor exigir a técnica como parâmetro para envolver a relação e a compreensão destas nas imagens que propõe. Entre conversas e questionamentos chegamos a conclusões de que tínhamos outras potências a serem exploradas no desenho contemporâneo, mas para chegar até ele tínhamos que percorrer caminhos múltiplos. Perpétua buscou o seu próprio caminho e os encontrou conforto em suas lembranças, pois, lá encontraria sentido para suas imagens.

Vasculhou suas lembranças, ao qual encontrava-se escondidas, pois,

A memória é a gaveta de guardados. Nós somos o que somos, não o que virtualmente seríamos capazes de ser. Minha bagagem são meus sonhos. Fui o poeta das ruas, das vielas silenciosas do Rio, antes que se tornasse uma cidade assolada pela violência. Sempre fui ligado à terra, ao meu pátio. (CAMARGO.1998, p.31)

E assim, como o artista Iberê Camargo, Perpétua encontrou em suas lembranças as memórias potenciais para pensar o seu desenho. Agora identificadas poderia construir pontes para a elaboração de sua poética e a proposição de imagens que de fato lhes representassem.

A memória torna as experiências inteligíveis, conferindo-lhes significados. Ao trazer o passado até o presente, recria o passado, ao mesmo tempo em que o projeta no futuro; graças a essa capacidade da memória de transitar livremente entre os diversos tempos, é que o passado se torna verdadeiramente passado, e o futuro, futuro. (AMADO, 1995, p.132) A visão integrativa da narrativa está presente em Benjamin (1985), quando este afirma que o narrador, nas histórias que conta, recorre ao acervo de experiências de vida, tanto as suas como as experiências relatadas por outros. Ao narrar, ele as transforma em produto sólido e único, tornando-as experiências daqueles que estão ouvindo. (EWALD, 2008)

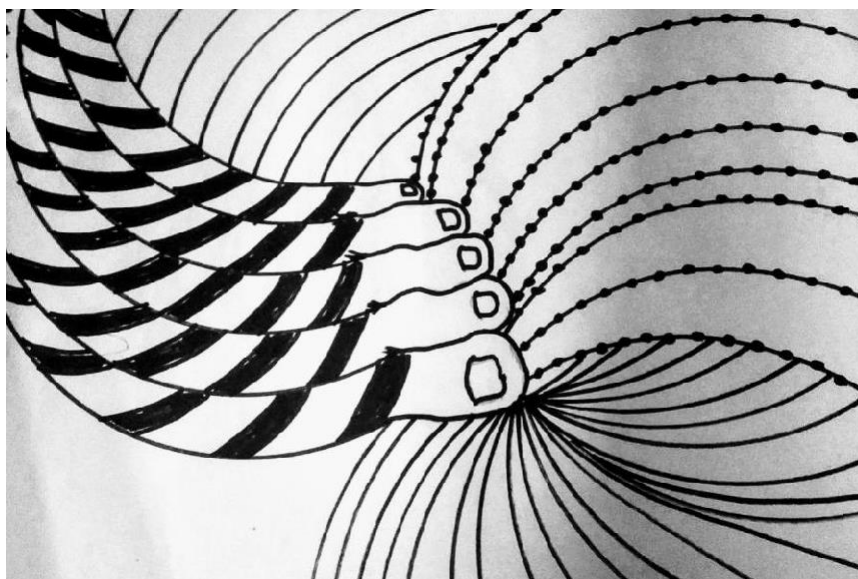
Buscando a relação entre imagem e palavras, as Narrativas de Perpétua encontraram em sua memória o sentido para pensar e produzir Artes Visuais a partir

de situações vividas, potencializando suas experiências para a sua produção artística, e diante de tantas conversas e investidas eis que surge o texto:

Lembranças nos fazem encarar nossos medos, há alguns meses atrás vivenciei momentos que me fizeram lembrar minha infância, lembranças tristes e felizes, lembranças do som das ondas de barbicha branca batendo e levantando a pequena canoa de madeira, transporte usado por nós caboclos ribeirinhos que arriscam suas vidas para venderem seus produtos, como: pé de moleque, beijú- sica, beijú da água e a farinha da macaxeira na cidade grande *“cidade grande como uma criança do interior imagina”* do rio tudo se tira, e ele tudo arrasta, e dizemos que é violento, mas violento mesmo são suas margens que o comprimem. E assim viajavamos com medo de ser engolido por um rio tão maravilhoso e tão grande. Todos temos medo das ondas grandes, mas o meu era maior ainda, por isso me embrulhava no porão da canoa com pedaços de plástico deixando somente meus pés de fora, que ficavam descobertos e desprotegidos, rezava para que logo chegássemos. E foi a partir dessas lembranças que comecei a desenvolver o meu trabalho e a minha poética. Pés, são tão importantes quanto frágeis, assim como, para uma criança que maravilha seus primeiros passos e conquista uma etapa de sua vida. Na vida, os pés, nos levam e nos trazem, nos fazem ter certeza de que estamos certo, com nossos “pés no chão”. No amor tem uma simbologia muito bonita e importante, quando o amor é verdadeiro, mesmo brigados, casais se tocam com os pés de madrugada, isso é sinal de que se amam. Mas há aqueles que tem fetiches com eles. Com meus pés muito andei e andei, tudo o que aprendi foram com eles e de nada me arrependi. Para alguns o pés só servem para levar e trabalhar, para outros não, há povos que enxergam os pés diferentes, mas para mim, ele me leva nos lugares e me ensina a aprender. Eu posso ir há qualquer lugar com meus pés. Eles me levam para estudar. (PERPÉTUA, UFAM- PARINTINS,2016)

As lembranças de Perpétua fizeram-na perceber que possuem pés, e estes são muito mais do que uma parte de seu corpo, eles a levam para os lugares que deseja ir. E

que estes, assim, como a própria memória não podem cair no esquecimento, os pés necessitam serem massageados e a memória também. Talvez esteja na Arte e em seu Ensino um bom lugar para preservação da memória, pois, o artista materializa e o professor a transmite, gerando outras ressignificações, leituras e experiências.



Perpétua Nogueira (2016)
Parintins, 2016

Desenho com Caneta Nanquim sobre sulfite 20x30cm Trabalho realizado na Disciplina de Desenho.
UFAM/Parintins - AM.



Perpétua Nogueira (2016)
Parintins, 2016
Desenho com Grafite sobre sulfite 20x30cm
Trabalho realizado na Disciplina de Desenho. UFAM/Parintins - AM.

As lembranças de Perpétua resultaram imagens. Permitiram perceber que a prática do fazer artístico é uma investigação constante e centra-se no ato de viver e conectar-se consigo mesmo. Entre narrativas e causos, lembranças e objetos, imagens e sonhos, acionaram na memória de Perpétua, assim como em meu próprio processo artístico que foram se configurando, quase que juntos e concomitantes. No entanto, o meu lugar de memória mais acessado na Amazônia foi minha própria vida no sul, a relação corpo/distância/deslocamento se tornaram diárias e presentes. Minhas memórias foram acionadas ao perceber minha vida com minha cultura, meus lugares conhecidos, e aquilo que me fizessem sentir aconchego. O cheiro da comida, das pessoas que amo, das conversas com aqueles amigos que realmente nos confortam, e do afago na memória que é sentir um abraço de tudo aquilo que nos forma.

De repente, assim como o desejo de voltar e retornar naquele exato momento para os lugares que desejava estar, me senti com vontade de ter asas. Comecei a observar os pássaros, sob dois aspectos: a capacidade de como levam consigo sementes de um

local ao outro, de semearem e expandirem, e de se deslocarem rapidamente com a qualidade de levar informações de local para local ou de professorar saberes de todos os lugares, pois lá passou e lá aprendeu. Sempre penso que pássaros não possuem territórios. E suas memórias voam de lugar a lugar nunca estando presos há nenhum canto. E assim surgiu como uma revoada em minha vida, os *Pássarosparintintinstupinambaranas* que me acolheram em pensamentos e voamos juntos nessas histórias. O próximo tópico apresenta uma lenda que criei para dar sentido há um conjunto de pássaros míticos que foram por mim elaborados. Os 33 pássaros fictícios formam um conjunto e uma etnia mítica extinta que compõe um livro de artista com estas imagens e descrições dos mesmos. Pois, o objetivo está em promover encontros pedagógicos e poéticos com as experiências e vivências que tive no Amazonas para se pensar Arte na Contemporaneidade e na docência em Artes Visuais.

A lenda da pássara professora

Conta uma antiga lenda que não se sabe de qual tribo era, uma jovem mulher de saberes curiosos e um pouco incomum, como uma anciã xamânica e muito misteriosa, que sempre aparecia de trás de algumas folhagens ou emaranhados de galhos e, que repentinamente reunia todas as crianças ao seu redor para ouvirem suas mirabolantes histórias. Alguns diziam que ela era uma encantada, um ser da floresta que aparecia para aqueles que a desejassem.

Era conhecedora de todas as aves de plumagens exuberantes que percorriam a região, principalmente aqueles pássaros que pouco eram avistados e conhecidos em sua forma física. Contam também, que estes, deram-lhes o poder de voarem consigo sobre as chuvas do inverno tropical que inundavam as planícies na terra, assim, ela poderia descansar sobre alguma nuvem enquanto as outras despencavam em água. Um dia, a maldade se instalou, pessoas das etnias que povoavam a região começaram a espalhar maldizeres desta anciã que professorava todos os conhecimentos que aprendera com os pássaros, para as crianças. Ela fazia as crianças verem aquilo que os adultos não enxergavam nos pássaros, e que, mesmo enxergando não viam o que eles de fatos lhes mostravam, porque cada pássaro, assim, como tudo que há na natureza sempre quer mostrar/ensinar alguma coisa.

A maldade se espalhou de tal modo, que o ódio por ela se tornou intenso. Mandaram-na prender numa ilha que ficava no meio do rio de águas caudalosas e violentas, na mais alta árvore e em uma jaula de cipós muito resistentes e venenosos, que não permitia-lhes tocar. Nesse dia, anoiteceu lá, mas não amanheceu. Tomadas pelo desejo do saber, as crianças, todas elas, dessas duas tribos que eram inimigas, reuniram-se cordialmente, não se sabe como, debaixo da jaula que a trancava. Ela com todo o seu didatismo cativante, encantou todas as crianças com suas maravilhosas palavras de saber, carinho e amor, assim, como uma verdadeira professora, e logo em seguida a soltaram da triste prisão.

Rapidamente, as aves em grande revoada e cantos de felicidades acordaram todos das tribos, e assustados, avistaram as crianças na calada da noite, todas reunidas e juntas na pequena ilha no meio do rio que aos poucos se desprendia do chão e caminhava pelas águas. A anciã de imediato fora tomada pelas garras dos muitos pássaros que a cortejavam e voaram para muito alto e nunca mais voltaram, nem anciã, nem pássaros e nem crianças.

As duas tribos de longe e perplexas viam a ilha correr pelas águas do gigante rio-mar sem nada poderem fazer, gritos e choros se confundiam com o silêncio e a hostilidade das crianças que partiam sem nada reagir, mas com um fundo de felicidades em suas expressões, bocas e olhos.

No outro dia, misteriosamente, logo após há ensurdecedoras trovoadas, teve uma chuva muito forte, não de águas, mas, de penas coloridas com cheiro das flores mais perfumadas da floresta e com um delicado orvalho que colava na pele de todas as pessoas da tribo. Elas se vestiram dos pássaros místicos da floresta e desapareceram.

Já as crianças, que foram levadas pelas águas do rio sumiram para sempre sem deixarem vestígios. E todos os adultos da tribo não se sabe para onde foram, mas há um mistério, pois, muito perto dali os índios Satérés Mawés embelezam-se com as ricas plumagens dos pássaros para saudarem e agradecerem a natureza, seja pelo conhecimento ancestral, seja pelo amor a sua terra. Dizem também que essa tribo são todas aquelas crianças que se reuniram naquela noite e que nunca mais voltaram. E que hoje para recordarem suas origens emplumam-se de pássaros para voarem em sonho, liberdade e longe das guerras.

Sobre os conhecimentos proferidos pela jovem anciã, este ficaram até hoje, e nos festejos caboclos eles surgem no modo de ser e viver daqueles que ali habitam.



Edson Macalini - Maloca do Itaúna (2016) Parintins, (2016)
Dsenho com Caneta Nanquim sobre papel 08x12cm
Warenoi - PássarosParintintinsTupinambaranas

Maloca do Itaúna

De porte médio semelhante ao pingüim do ártico, por muito tempo fora chamado de pingüim dos trópicos. Vivem próximas aos rios de corredeiras lentas e se alimentam dos insetos que sobrevoam as águas paradas. Seu nome, dado pelos locais, é por conta da sua plumagem se parecerem há uma cabana de palhas.

Deflagrações pedagógicas e poéticas

Dentre os desafios de se ensinar Artes Visuais no amazonas e de viver nessa terra tão cheia de encantos ficaram as lembranças que hoje cultivo em minha memória, e delas, faço o sentido do compartilhamento dessas experiências e narrativas que esses lugares me proporcionaram. Tenho a sensação de que deveria ter vivido mais, mas há um outro lado que me fala, que essa beleza que ainda guardo é do pouco tempo que vivi, e isso será mantido, ou seja, cada coisa tem o seu tempo para durar. Dialogar com essas pessoas ampliaram o meu mundo, me sinto assim também com Walter

Benjamin, cuja sensação é de confraternizar com amigos queridos. Pois, suas lembranças são tão incrivelmente políticas e poéticas que delas alimentam não só o imaginário como a realidade de um passado que viveu e que lhe proporcionou ser o adulto que foi, e eu me sinto semelhante.

Nossas lembranças nos formam e contribuem para formarmos os outros. Nas narrativas dos moradores dessa terra incrível as recordações que tenho são infundáveis e nas ações pedagógicas e poéticas elas refletem ao modo de pensar e fazer Arte, pois, hoje possuo esse substrato maravilhoso comigo, permitindo brotar em outros lugares. Minha vida na Amazônia permitiu que eu tenha uma memória cheia de acontecimentos e conhecimentos dessa terra fértil que ficaram em mim, onde levo sempre como o desafio de querer fazer sempre mais.

Entre narrativas e causos, lembranças foram surgindo e se configurando, e assim, dando sentido a memória, possibilitaram promover encontros e ressignificações, daquilo que as vezes deixamos guardados e nunca mais mexemos. Revirando essas gavetas, encontramos um bom lugar para se pensar Artes Visuais na contemporaneidade, e na formação de professores proporcionou compreender que o ato poético já se encontra na vontade e do querer.

Referências Bibliográficas

- BENJAMIN, Walter. O Narrador. In. Os Pensadores. 2.ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983.
- _____. Experiência e Pobreza. In. Magia e Técnica, Arte e Política. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- _____. Rua de Mão Única: Obras escolhidas. São Paulo: Brasiliense, 2009. (Vol. II)
- _____. Infância berlinense: 1900. edição e tradução João Barrento. - Belo Horizonte: Antêntica Editora, 2013.
- CAMARGO, Iberê. Augusto Massi (org.) Gaveta dos guardados. - São Paulo: editora da universidade de São Paulo, 1998.
- EWALD, Felipe Grune. Memória e Narrativa: Walter Benjamin, nostalgia e movência. Revista eletrônica de crítica e teoria de literaturas Dossiê: oralidade, memória e escrita PPG-LET-UFRGS – Porto Alegre – Vol. 04 N. 02 – jul/dez 2008
- OLIVEIRA, Luiz Sérgio de. inSITE: práticas de arte pública na fronteira entre dois mundos. Ed. Eduff. 2014.

Edson Rodrigues Macalini

Mestre em Artes Visuais pela Universidade do Estado de Santa Catarina (2014). Professor do Curso de Licenciatura em Artes Visuais pela Universidade Federal do Vale do São Francisco/BA. Atuo no ensino das Artes Visuais e nos processos artísticos com os temas: Desenhos, Gravuras, Formação de Professores e práticas artístico-pedagógicas em publicações e livros de artistas, fotografias, intervenções urbanas e artes disseminativas.